

A Presença Feminina na Literatura Brasileira: Entre Invisibilidades e Conquistas

Patryne da Costa Dias¹, Darlene Pereira da Costa², Rafael Pereira Barros³

¹Graduada em Letras – UNOPAR. e-mail: <trynycosta@gmail.com>

²Graduada em Direito – UNIRG. e-mail: <Darlene.costa@ifto.edu.br>

³Estudante do Curso Superior de Direito – UNITINS. e-mail: <rafazootec@hotmail.com.br>

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho convida à reflexão sobre a literatura escrita por mulheres no Brasil, destacando os caminhos que essas autoras percorreram, os silenciamentos que enfrentaram e as conquistas que alcançaram ao longo do tempo. A intenção é dar visibilidade a mulheres que, mesmo diante de exclusões e preconceitos, usaram a palavra como forma de resistência e expressão, contribuindo de forma marcante para novas maneiras de ver e narrar o mundo.

É importante destacar que para além da escrita e fala o cenário literário para a mulher brasileira teve entre outros desafios o fator gênero, pois ser mulher neste País, e ocupar lugar de fala, foi sempre ter que provar reiteradamente o seu valor e capacidade, como afirma Luiza Lobo (1995), “A mulher escritora teve que conquistar seu espaço duas vezes: como mulher e como autora.”

Durante muito tempo, a literatura brasileira foi marcada pela predominância de vozes masculinas, o que limitou a inserção das mulheres nos espaços de reconhecimento, seja no meio acadêmico, escolar ou editorial. Ainda assim, muitas autoras desafiaram essas barreiras, escrevendo sobre suas vivências, questionando normas impostas e ampliando o repertório cultural da nossa literatura.

Exemplo dessa falta de reconhecimento é a Academia Brasileira de Letras, que na sua fundação em 1897, não permitiu que a escritora Júlia Lopes ocupasse uma das cadeiras da academia pelo simples fato de ser mulher, como bem demonstra diversos textos e registros desse triste e lamentável episódio:

[...] o objetivo deste artigo é analisar as discussões em torno da inadmissão feminina na Academia Brasileira de Letras. A abordagem estará circunscrita ao período de consolidação da entidade, que ocorre quando o nome de uma mulher é cogitado a figurar entre seus membros fundadores. Trata-se da escritora Júlia Lopes de Almeida que, logo em seguida, vê-se excluída da relação final de agremiados, sob inconsistentes alegações que, ainda assim, foram suficientes para recender a compleição androcêntrica da Academia, mantendo-a incólume à presença feminina durante seus primeiros oitenta anos de existência. (Fanini, 2009) Grifo nosso.

Como se nota no texto supramencionado e destacado o lapso temporal para que uma mulher tivesse direito a ocupar uma cadeira da ABL é de oitenta anos, vejamos, não está se falando de dez quinze anos, mas de um período muito longo não só de tempo, há que se considerar também a invisibilidade da mulher nesse interstício. “A Academia Brasileira de Letras, entidade fundada em 1897, manteve-se incólume à presença feminina até 1976, ano em que o Art. 17 do Regimento Interno, que até então restringia a eleição aos “brasileiros do sexo masculino”, é alterado, [...]” (Ribeiro, 2023).

Ante o exposto a proposta desta pesquisa é buscar entender como essas vozes femininas foram se construindo e ganhando força ao longo da história, quais obstáculos enfrentaram e como suas obras nos ajudam a pensar uma literatura mais diversa, crítica e representativa.

2 OBJETIVO

Analisar a trajetória feminina na literatura brasileira, evidenciando as dificuldades históricas enfrentadas pelas escritoras para adentrar o cenário literário, marcado pela predominância masculina.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A investigação realizada é de natureza qualitativa, com enfoque bibliográfico e interpretativo. Foram analisadas obras literárias de autoras brasileiras de diferentes épocas, bem como textos críticos, dissertações e artigos acadêmicos que discutem a produção feminina na literatura nacional.

As autoras selecionadas representam diferentes contextos históricos e experiências sociais: Nísia Floresta, Júlia Lopes de Almeida, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves. A partir da leitura dessas obras, buscou-se identificar temas como invisibilidade, resistência, identidade e o reconhecimento – muitas vezes tardio – do trabalho dessas escritoras.

A seleção das autoras considerou critérios como relevância histórica, representatividade na consolidação da autoria feminina no Brasil e diversidade de contextos, estilos e temáticas. Foram escolhidas escritoras cujas trajetórias e produções literárias evidenciam diferentes experiências sociais e momentos de afirmação da mulher na literatura. Os textos críticos utilizados foram escolhidos a partir de sua pertinência teórica e analítica para a discussão da literatura de autoria feminina.

A metodologia foi pautada na análise de conteúdo, procurando compreender não apenas o que essas autoras escrevem, mas também como suas produções se inserem em um cenário histórico e social marcado por desigualdades de gênero e classe.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises demonstram que, embora as mulheres estejam presentes na literatura desde o século XIX, suas produções foram, por muito tempo, silenciadas, subestimadas ou reduzidas a estereótipos. Escritoras como Nísia Floresta e Júlia Lopes de Almeida enfrentaram inúmeros desafios para publicar seus textos e serem reconhecidas em um ambiente majoritariamente masculino. Júlia, por exemplo, foi uma das primeiras romancistas brasileiras e tratou de temas como o papel da mulher, o casamento e a crítica social — mesmo assim, foi vetada da fundação da Academia Brasileira de Letras simplesmente por ser mulher.

No século XX, autoras como Cecília Meireles e Clarice Lispector obtiveram maior destaque, embora ainda inseridas em espaços seletivos e limitados. Clarice revolucionou o romance psicológico ao mergulhar na subjetividade feminina com uma escrita original e intensa, enquanto Cecília encantou gerações com uma poesia marcada pela sensibilidade e pela reflexão filosófica.

Carolina Maria de Jesus, por sua vez, rompeu com os padrões da elite literária ao escrever *Quarto de Despejo*, um diário que retrata o cotidiano de uma mulher negra e pobre vivendo em uma favela de São Paulo. Sua obra é um grito por dignidade, mas é também o retrato nu e cru sem meio termo da sociedade, não só a favelada: “Escrevo o que vejo, o que sinto e o que sofro.” (Jesus, 1960).

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados.

Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (Jesus, p. 16-17, 2014)

Já no cenário contemporâneo, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves ampliam ainda mais as discussões sobre raça, classe, gênero e ancestralidade. Conceição traz a potência da *escrivência* — uma escrita que nasce das experiências de vida — e afirma: “Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinou de não morrer.”(Evaristo, 2005).

Essas escritoras, entre tantas outras, transformaram a literatura brasileira, abrindo espaço para outras vozes e reconfigurando o cânone até então dominado por perspectivas masculinas e brancas. “A crítica literária precisa desnaturalizar a ideia de que o universal é masculino.” (Carvalho, Tânia Franco. Literatura e Gênero.)

Tabela 1: Linha do Tempo – Primeiros Livros de Autores e Autoras Brasileiros

Ano	Obra	Autor(a)	Gênero / Importância
1601	<i>Prosopopeia</i>	Bento Teixeira	Primeiro livro literário de autor luso-brasileiro
1768	<i>Obras Poéticas</i>	Cláudio Manuel da Costa	Um dos primeiros autores do Arcadismo no Brasil
1789	<i>Marília de Dirceu</i>	Tomás Antônio Gonzaga	Poesia arcádica emblemática
1832	<i>Direitos das Mulheres</i>	Nísia Floresta	Primeira obra publicada por uma mulher no Brasil
1854	<i>O Romance de uma Moça Rica</i>	Júlia Lopes de Almeida	Romance realista por autora pioneira
1859	<i>Úrsula</i>	Maria Firmina dos Reis	Primeiro romance abolicionista por uma mulher negra
1930	<i>Viagem</i>	Cecília Meireles	Poesia modernista e intimista
1943	<i>Perto do Coração Selvagem</i>	Clarice Lispector	Romance psicológico de voz feminina única
1960	<i>Quarto de Despejo</i>	Carolina Maria de Jesus	Realismo social e denúncia da pobreza
2002	<i>Ponciá Vicêncio</i>	Conceição Evaristo	Literatura negra, identidade e resistência

A tabela acima evidencia uma linha do tempo desigual: enquanto os primeiros registros de autores homens surgem já no século XVII, a primeira publicação feminina só aparece em 1832, com Nísia Floresta. Esse hiato de mais de dois séculos revela o quanto as mulheres foram impedidas de acessar o espaço da escrita e da publicação.

Mesmo com os avanços conquistados, o reconhecimento pleno das autoras ainda é um desafio. A presença da literatura feminina em currículos escolares, programas literários e editoras continua sendo restrita. Contudo, movimentos feministas, coletivos literários e pesquisas acadêmicas vêm desempenhando um papel essencial na valorização dessas vozes, promovendo reedições, leituras críticas e inserção dessas obras na formação de novos leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Presença feminina na literatura brasileira é, sobretudo, uma história de resistência. Ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram o silenciamento, o preconceito e o apagamento, mas continuaram escrevendo — muitas vezes à margem — e transformando a linguagem em uma forma de existir e resistir.

As obras de autoras como Nísia Floresta, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector e Conceição Evaristo são testemunhos vivos da pluralidade da experiência feminina brasileira. Elas abordam temas urgentes como desigualdade, exclusão, ancestralidade, pertencimento e identidade, contribuindo para ampliar os horizontes da literatura e torná-la mais representativa da diversidade do país. “Me deixem falar. Me deixem ser. Eu também sou da escrita.” (Evaristo, Conceição).

Reconhecer essas autoras não é apenas um ato de justiça histórica. É, acima de tudo, uma forma de dar visibilidade e voz as mulheres que por muito tempo foram silenciadas e tiveram suas histórias anuladas pelo preconceito de gênero imposto por uma sociedade machista e misógina. Ter uma mulher à frente da literatura é uma forma de democratizar o acesso à cultura, fomentar a leitura crítica e formar sujeitos capazes de enxergar o outro com mais empatia e respeito.

Ademais, é válido ressaltar que essa não é uma luta vencida e que a presença da mulher na escrita deve ser reconhecida e exaltada em todos os momentos e é por isso que a literatura de autoria feminina nos convida a (re)ler o Brasil sob outros olhares — mais atentos, mais sensíveis e mais justos.

REFERÊNCIAS

Almeida, Júlia Lopes de. **A falência**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Buarque De Hollanda, Heloisa. **26 poetas hoje**. 3. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

Evaristo, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

Fanini, Michele Asmar. **A exclusão das mulheres da Academia Brasileira de Letras: Júlia Lopes de Almeida e a institucionalização da autoria masculina no Brasil**. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 33, p. 11–26, jan./jun. 2009.

Floresta, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 1989.

Gonçalves, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Jesus, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 27. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Lispector, Clarice. **A hora da estrela**. 22. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Lobo, Luiza. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

Meireles, Cecília. **Viagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Ribeiro, Ana Elisa. **Academias de letras e escritoras: barreiras e mudanças no século XX e um caso em Minas Gerais**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 68, 2023.

Souza, Eneida Maria de. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.